



DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Novembro 2018

GUIA DE LEITURA

TRAVESSURAS DA MENINA MÁ – Mario Vargas Llosa



Mario Vargas Llosa

Biografia: Escritor peruano, nascido em 28 de Março de 1936, em Arequipa, no Peru. O seu empenho em relação a mudanças sociais é evidente nos seus romances, peças e ensaios. O escritor pertence à escola do realismo mágico e faz parte da explosão de talentos dos anos 60 da literatura latino-americana. Na sua carreira política começou por ser comunista, mas virou-se para a direita. Em 1990 candidatou-se à presidência da República do Peru, sendo vencido pelo candidato Alberto Fujimori. Tem sido criticado por estar à margem da comunidade dos índios Quechua. Vargas Llosa foi educado em Cochabamba, na Bolívia, onde o seu avô era cônsul do Peru. Entrou para a escola militar de Lima em 1950. Trabalhou como jornalista e locutor

e frequentou a Universidade de Madrid. Em 1959 mudou-se para Paris, onde viveu até 1966. Depois de viver três anos em Londres, passou a escrever na residência da Universidade estatal de Washington, em 1969. Em 1970 estabeleceu-se em Barcelona. Em 1974 regressou a Lima, lecionando e dando conferências por todo o mundo. Publicou em 1978 uma coleção de ensaios críticos. Foi-lhe atribuído o Prémio Nobel da Literatura em 2010.

Sinopse de *Travessuras da menina má*:

Uma obra de ficção, levemente autobiográfica, do escritor peruano Mario Vargas Llosa, Prémio Nobel de Literatura de 2010. O livro, publicado em 2006, narra uma história de amor repleta de referências a acontecimentos que marcaram o mundo durante a segunda metade do século XX. Trata-se de um romance nada convencional entre Ricardo Somocurcio - um pacato peruano que, realizando um sonho de infância, vai morar em Paris - e Lily (ou Otília), a chamada "menina má" - uma rapariga ousada que ele conheceu na efervescente década de 1950, em Lima, sua cidade natal. Eis que Ricardo ("Ricardito", "coisinha à toa" ou "o menino bom", como é chamado frequentemente no livro) consegue um emprego de tradutor da Unesco, em França; por essa razão, viaja esporadicamente pela Europa e pelo mundo. Ele consegue estabelecer-se (com algumas dificuldades) no sótão de um hotel (Paris), e leva uma vida tranquila até que o destino o faz reencontrar o seu antigo amor de adolescente - Lily, a "menina má", uma figura do seu passado peruano já quase esquecida. Inconformista, aventureira e pragmática, a menina má aparece e desaparece da vida de Ricardito com frequência, deixando sempre lembranças oníricas na mente do jovem tradutor da Unesco. Isso faz com que ele se apaixone cada vez mais por ela, e, enquanto o romance dos dois se desenrola ao longo do livro (a menina má sempre com uma postura indiferente em relação ao amor), o leitor viaja por lugares famosos do mundo: a Paris revolucionária dos anos 60; a Londres do amor livre dos anos 70; a Tóquio dos grandes mafiosos; a Madrid da transição política dos anos 80.

Travessuras da Menina Má – Mario Vargas Llosa

Sónia Maia / Abril 24, 2013 (blog)



Depois de ter lido e ouvido críticas positivas e negativas, iniciei a leitura deste livro convencida de que iria adorá-lo ou detestá-lo. Para minha surpresa, cheguei sensivelmente a meio da obra sem me suceder uma coisa nem outra. Parecia-me apenas mais uma versão de uma das histórias mais banais deste mundo: o menino bom que ama de todo o coração uma menina má, insensível e calculista, que aproveita esse amor para o usar quando precisa dele, ignorando-o sempre que lhe surge uma alternativa mais vantajosa. O menino bom não é estúpido, percebe perfeitamente o que se passa, tenta esquecê-la mas não consegue porque, simplesmente, a ama demais.

Ao fim de cerca de duzentas páginas sem surpresas, onde esta história, se bem que exemplarmente bem escrita, se repete num ciclo interminável de desilusão amorosa – nova esperança – nova desilusão, estava já convencida de que o resto do livro se desenrolaria no mesmo tom, quando, sem aviso prévio, o Autor introduz uma nova variável nesta equação tão antiga: afinal as meninas más também podem ser vítimas de um sofrimento muito semelhante àquele que causam. E digo semelhante, e não igual, porque aqui Vargas Llosa não faz concessões sentimentalistas: quem nasce sem coração não amará nunca. Logo, nunca sofrerá por amor. Mas pode sofrer um martírio equivalente, tornando-se dependente de outra pessoa, não porque a ame, mas porque essa pessoa se tornou, para si, uma ideia fixa. E, por causa dessa ideia fixa, pode deixar-se usar, manipular, humilhar até limites tão extremos como aqueles a que chegam aqueles que usa porque têm a fraqueza de lhe ter amor.

Posto isto, Vargas Llosa entra no domínio das interrogações: quando uma menina má, incapaz de qualquer sentimento, habituada a usar os outros para os seus próprios fins, desce às profundezas do desespero humano por causa de alguém que a maltratou e é resgatada *in extremis* pelo mesmo menino bom que a amou desde criança e a quem já desprezou inúmeras vezes, como reagirá a essa suprema prova de amor? Uma vez recuperada, como se comportará com o seu salvador? Em última análise, poderá uma situação extrema modificar uma personalidade também, em si mesma, extrema?

O Autor é magistral na gestão desta incerteza, levando-nos a colocar todas as hipóteses e chegando mesmo a fazer parecer plausível aquilo que, no nosso íntimo, sabemos ser impossível. Mas, por fim, a sua conclusão é de uma clareza cruel: quem não ama tem uma vantagem inultrapassável sobre quem ama. Quem não ama também não sente empatia, nem remorso. Tem, por isso, uma liberdade que o comum dos mortais não tem: pode fingir sentimentos quando isso lhe é útil e desfazer a farsa num segundo quando deixa de o ser. E quem melhor para servir os seus interesses do que alguém que nada lhe consegue recusar? Eis a pessoa perfeita para explorar quando necessário e

descartar logo que possível. E, se conveniente, para voltar a usar mais tarde, uma e outra vez, bastando para isso dizer-lhe que o amor acabou de despertar no seu coração. Um verdadeiro menino bom, por mais que o seu lado racional o tente chamar à razão, nunca resistirá ao apelo romântico da pessoa que ama. Por muitas decepções que o seu amor já lhe tenha causado, acreditará sempre uma última vez. É essa a sua desgraça.

Assim, afinal este livro é tudo menos banal. Parte de uma história vulgar e revela-lhe cambiantes insuspeitos, faz do previsível inesperado, obriga-nos a questionar o que tínhamos por certo e estabelecido. Baralha as premissas e questiona tudo. Para, finalmente, quando já estamos capazes de admitir hipóteses que no início nos pareceriam risíveis, nos reconduzir ao ponto de partida: em que estávamos a pensar para nos deixarmos enganar como qualquer menino bom pateta? É claro que as pessoas não mudam.

Blog – Bons livros para ler

Luiz Guilherme de Beaurepaire, Data: 08 agosto 2016 Travessuras da menina má

“Travessuras da menina má” foi um dessas leituras em que tive aquela sensação de quero mais. Quando li a última página, senti uma grande saudade daquela história de amor e dos personagens que vivenciamos todos aqueles momentos. O livro é simplesmente delicioso. Muitos que acompanham este espaço já devem ter lido. Li recentemente e simplesmente amei. Vocês que já leram sabem do que estou falando. O romance é conduzido de uma maneira leve, generosa, com momentos engraçados e às vezes trágicos. Llosa é um contador de história que não nos cansa com descrições maçantes. É econômico em sua narrativa. Os detalhes e o conjunto se harmonizam.

Os cenários por ele descritos são cúmplices dessa história. Tudo começa no “verão fabuloso” de 1950, quando Ricardo Somocurcio, um menino peruano de 15 anos de idade, encontra Lily, uma adolescente deslumbrante, que afirma ser chilena, no bairro de Miraflores em Lima, Peru. Eles dançam o mambo naquele “turbilhão demoníaco”, puxando Ricardo para a sua órbita, despertando o seu desejo e escravizando-o. Só ela pode responder ao seu desejo. E por mentir sobre seu nome e sua nacionalidade (que de chilena não tinha nada), com o tempo, Ricardo, ao saber dessa mentira, já estava perdidamente apaixonado. O feitiço de sua risada maliciosa e o olhar zombeteiro de seus olhos cor de mel escuro capturou seu coração. Ele se apaixona por ela, mas ela lhe escapa, estabelecendo um precedente que será por toda a vida. Até o início dos anos 1960, ele vive em Paris, estudando com afinco para se tornar um tradutor da UNESCO. Lá ele encontra Paul Escobar, um comunista peruano que traz na bagagem alguns guerrilheiros recrutados que estão a caminho de Cuba, via Paris, para treinamento militar. Entre os guerrilheiros trazidos do Peru com destino a Cuba, está a “camarada” Arlette, que na verdade é Lily, a chilena postiça.

Ricardo encontra-se com ela, desfrutando de um período de felicidade e êxtase quando ela vai a seu quarto, se torna sua amante e está disposta a abandonar a causa

revolucionária e viver com ele em Paris. O reencontro é marcado como um sopro de realidade na vida de Ricardo. Mas, infelizmente, é impossível ela permanecer em Paris, devido aos compromissos revolucionários assumidos em Lima de ir a Cuba.

Pouco mais tarde, ele soube, por intermédio de informações pouco exatas vindas de Cuba, que Arlette tornou-se amante do comandante Chacon (um dos líderes da guerrilha peruana). Esmagado e deprimido, Ricardo perde-se em seu trabalho de intérprete da Unesco e inicia um curso de russo. Mas se você pensa que a camarada Arlette, ou Lily, está pensando em revolução, tirem o cavalinho da chuva. Ela vai para Cuba e reaparece de novo, na França, linda e maravilhosa, mas com um novo nome, dessa vez como Madame Arnoux, esposa de um diplomata francês, nome esse extraído do personagem de Flaubert no livro “Educação Sentimental”. Ricardo anseia por ela ardentemente e ela alegremente o rejeita recitando o seu velho refrão: “Quantas breguices você me fala, Ricardito”. E mais uma vez ela desaparece.

Como podemos ver, Lily se transforma em Arlette (revolucionária) e agora se transforma em Madame Arnoux (esposa de um diplomata francês). E reaparece como Mrs. Richardson, esposa de um inglês rico viciado pela paixão aristocrática por cavalos. Seus disfarces chegam ao Japão, onde tem um caso doentio com um gangster que Ricardo supõe que seja da Yakuza, a máfia japonesa. E mais uma vez Ricardo aparece e mais uma vez ficam juntos. Mas não fica só por aí. Isso pouco importa para os sentimentos de Ricardo. Os sentimentos que nutre por essa perigosa e carismática menina má ultrapassam todas as extravagâncias ao longo da história com suas inúmeras máscaras. Ricardo também se julga um apátrida, sem identidade, e sua máscara é ele mesmo. Não se sente francês e muito menos peruano, apenas um homem sem identidade fixa. A menina má lança uma máscara atrás da outra por uma necessidade de excitação e riqueza que apenas os homens poderosos e perigosos podem oferecer. Mas tudo tem um preço a ser pago. Onde será a próxima vez que o bom menino vai encontrá-la? Ela é má, admirável, ou ambos? Qual será o próximo amante da menina má? Quanto tempo Ricardo conseguirá aguentar todas essas desventuras amorosas? Será que ela voltará?

Para aqueles(as) que conhecem a história, essas perguntas poderão parecer tolas. Mas para os que não conhecem, espero de coração que sirvam de incentivo a ler essa história de amor deliciosa. Vargas Llosa investiga a fundo esse relacionamento disfuncional, passando por todos os momentos históricos importantes onde essa trama se desenrola. “As Travessuras da menina má” se desenrola em uma série de interlúdios tensos que se movem em vários países em três continentes. Sem perder o fio da meada, ele nos leva a subtramas maravilhosas. Nós seguimos o lado escuro da vida noturna em Tóquio, encontramos um místico peruano que parece conversar com o mar, acompanhamos a autodescoberta de um menino mudo que aprende a falar várias línguas. Vargas Llosa tem um fascínio por pessoas comuns, mas cada indivíduo possui uma história escondida pronta para ser desvendada na hora certa, antes de entrar no jogo. Por isso, indico sem pestanejar as peripécias de “As Travessuras da menina má”, que vai fazer você, leitor, rir e chorar.

Um livro que merece um lugar de destaque na sua estante.

O AMOR FORA DA CAIXA DE “TRAVESSURAS DA MENINA MÁ”, DE MARIO VARGAS LLOSA

Travessuras e breguices do amor de uma menina má escrito com maestria por um dos maiores nomes da literatura mundial

Mara Vanessa Torres / 6 de julho de 2018

“Pode chamar isso de amor tortuoso, paixão barroca, perversão, pulsão masoquista ou, simplesmente, de submissão a uma personalidade esmagadora, diante da qual ela não conseguia opor nenhuma resistência”. Essa afirmativa, exposta nas páginas 280 e 281 da obra, catapulta uma história de amor que habita entre o animalesco e o terno; entre o desejo e a reparação; entre a fidelidade e a traição. O premiado autor peruano e ex-candidato à presidência do Peru, Mario Vargas Llosa, soube como construir uma narrativa que vai além do certo ou errado através das sutilezas de “**Travessuras da menina má**”, um romance que alcança muito mais do que o triunvirato amor-mudanças-destino para ir ao encontro das grandes mudanças recebidas pelo mundo na década de 1950 até o final dos anos 80.



Ricardo Somocurcio, um jovem peruano cujo maior objetivo na vida é ir morar em Paris, conhece, ainda na adolescência, a bela e misteriosa Lily, menina conhecida no tradicional bairro de Miraflores como chilena. Desde esse tempo, Ricardito, como era chamado, tenta cortejar a menina e ocupar o posto de namorado. Muitos acontecimentos mais tarde, Ricardo vai viver em Paris – sonho finalmente realizado – e se emprega como tradutor da Unesco. Lá, o peruano faz amizades com guerrilheiros e ativistas do Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) e reencontra a ex-chilena com o nome de camarada Arlette. A partir desse momento, a história de Ricardito e da menina má (alcunha que ele oferece à conterrânea, já que não sabe nada sobre seu nome verdadeiro e suas origens) se intercala em longos períodos de ausência e um tórrido romance, atravessando Paris dos anos 60 e toda a revolução e pensamento que pareciam borbulhar da capital francesa para esbarrar em Londres das comunidades de paz e amor, dos ácidos lisérgicos e marijuanas, do movimento do amor livre, da aids. Uma década depois, respira arduamente na Tóquio dos yakuzas. O repouso final está em Madrid de 1980, cercada pelas grandes mudanças políticas, pela babel urbana e últimos suspiros.

Ricardo Somocurcio, um jovem peruano cujo maior objetivo na vida é ir morar em Paris, conhece, ainda na adolescência, a bela e misteriosa Lily, menina conhecida no tradicional bairro de Miraflores como chilena. Desde esse tempo, Ricardito, como era chamado, tenta cortejar a menina e ocupar o posto de namorado. Muitos acontecimentos mais tarde, Ricardo vai viver em Paris – sonho finalmente realizado – e se emprega como tradutor da Unesco. Lá, o peruano faz amizades com guerrilheiros e ativistas do Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) e reencontra a ex-chilena com o nome de camarada Arlette. A partir desse momento, a história de Ricardito e da menina má (alcunha que ele oferece à conterrânea, já que não sabe nada sobre seu nome verdadeiro e suas origens) se intercala em longos períodos de ausência e um tórrido romance, atravessando Paris dos anos 60 e toda a revolução e pensamento que pareciam borbulhar da capital francesa para esbarrar em Londres das comunidades de paz e amor, dos ácidos lisérgicos e marijuanas, do movimento do amor livre, da aids. Uma década depois, respira arduamente na Tóquio dos yakuzas. O repouso final está em Madrid de 1980, cercada pelas grandes mudanças políticas, pela babel urbana e últimos suspiros.

Llosa, que conquistou prêmios importantes como Cervantes, Príncipe de Astúrias, PEN/Nabokov e Grinzane Cavour, criou personagens sinceros e com toques suaves de experiência autobiográfica. Não há como ficar indiferente aos encontros sexuais de Ricardo (o “coisinha à toa”, “menino bom”) e da menina má, uma mulher que tem ânsia de riqueza, poder, prestígio e status.

Uma personagem que inverteu os papéis tradicionais: ao invés de dar prazer, resignada aos pedidos masculinos, ela ordena ao amante proporcionar-lhe prazer e se concentra em tal. A narrativa de “Travessuras da menina má” é próxima, acolhedora e gera

identificação. Até mesmo aquela tiazinha beata pode ter atravessado uma fase de Ricardito embalada por antigas canções; ou ainda podemos fisgar o olhar perdido do pós-doutor famoso em uma mesa de bar, devaneando na melodia de outras canções igualmente saudosas e lembrando como seu coração foi sumariamente pisado por tantas meninas más. Llosa também invade corações como o seu, nobre e moderno leitor, ao fazer a história do “coisinha à toa” pular no seu copo de cerveja ao som daquela memória devastada.

Ler sobre as intempéries desse casal de peruanos do mundo nos faz lembrar como o amor não está a salvo, preso em uma redoma. Ele está solto no ar, na vida, e sujeito aos imponderáveis do destino.